

PAISAGEM CULTURAL: ESTUDO DAS RELAÇÕES DA SOCIEDADE E MEIO EM ALCÂNTARA – MA

Jaicia Ramos de Almeida¹
Nayane de Jesus Carneiro Silva²
José Arilson de Sousa Xavier³

RESUMO

A cidade de Alcântara é uma das mais antigas do Estado, inicialmente era conhecida como aldeia de Tapuitapera Morada dos indígenas Tapuias ou como também eram chamados, cabelos compridos. É conhecida pelo seu potencial turístico e cultural, seu ecossistema manguezal é fonte de subsistência e economia para a sociedade local. Desta maneira, precisa ser preservada e conservada. Portanto, este trabalho tem como objetivo compreender as relações da sociedade com o meio em Alcântara. Para a elaboração desta pesquisa foi realizado levantamento bibliográfico para fundamentação teórica do assunto abordado, utilizou-se a abordagem qualitativa para compreender as relações da sociedade e do meio e trabalho de campo para obtenção de informações referentes a população e a cidade de Alcântara. Como resultados alcançados percebeu-se que através da contribuição de diferentes povos, a cidade cresceu e fez-se importante economicamente durante um certo período. Devido a isso, recebeu o título de cidade Monumento Nacional, apreciado até os dias atuais. As ruínas estão por todas as partes da cidade e demonstram a valorização em função de seu desenvolvimento como a Igreja de São Matias, parte das ruínas não são reconhecidas em relação ao nome ou a quem foi direcionada em sua época de origem, sendo assim, cabe apenas a visualização e interpretação dos visitantes e até mesmo da população. Conclui-se que estudar as relações da sociedade com o meio é uma das formas de compreender a construção dos diferentes espaços e a interação dos mesmos com a população e suas vivências.

Palavras-chave: Alcântara, Ruínas, Manguezal.

RESUMEN

La ciudad de Alcântara es una de las más antiguas del estado, inicialmente era conocida como el pueblo de Tapuitapera, hogar de los indígenas Tapuias o como también eran llamados, Cabelos Largos. Es conocido por su potencial turístico y cultural, su ecosistema natural es fuente de subsistencia y economía para la sociedad local. De esta manera es necesario preservarlo y conservarlo. Por tanto, este trabajo pretende comprender las relaciones de la sociedad con el medio en Alcântara. Para la elaboración de esta investigación se realizó un estudio bibliográfico para la fundamentación teórica del tema abordado, se utilizó un enfoque cualitativo para comprender las relaciones entre la sociedad y el medio y un trabajo de campo para obtener información referente a la población y la ciudad de Alcântara. Como resultados obtenidos se pudo comprobar que a través del aporte de diferentes pueblos, la ciudad creció y mantuvo su importancia económica durante un período determinado. Debido a esto, recibió el título de Monumento Nacional de la ciudad, apreciado hasta el día de hoy. Las ruinas se encuentran por todas las

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, jaiciaramos@hotmail.com;

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, nayane.2012@hotmail.com;

³ Professor Orientador: Doutor do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço - UEMA, arilsonxavier@yahoo.com.br.



partes de la ciudad y demuestran aprecio en la función de su desarrollo como Iglesia de San Matías, parte de las ruinas no son reconocidas en relación al nombre ni al que fue dirigido en su época de origen, por lo que Sólo depende de la visualización e interpretación de los visitantes e incluso de la población. Se concluye que estudiar las relaciones de la sociedad con el medio ambiente es una de las formas de entender la construcción de diferentes espacios y la interacción de los mismos con la población y sus vivencias.

Palabras clave: Alcântara, Restos, Mangle.

INTRODUÇÃO

A cidade de Alcântara encontra-se ao norte do Maranhão (**Figura 1**), é uma das mais antigas do Estado, foi aldeia conhecida como Tapuitapera morada dos indígenas tapuias ou como também eram chamados, cabelos compridos. Conforme (PFLUEGER, 2011, p. 184), Alcântara foi sede da aristocracia rural agroexportadora de algodão, no século XIX sofreu uma brutal decadência advinda da abolição dos escravos e as mudanças do mercado de algodão.

Alcântara é conhecida pelo seu potencial turístico e cultural, é visitada, devido a seu projeto arquitetônico histórico entre ruínas, casarões, igrejas e suas festividades, em especial a festa do Divino Espírito Santo. Seu ecossistema manguezal é fonte de subsistência e economia para a sociedade local, seu potencial paisagístico é influenciado por um amplo contexto histórico e espacial. Devido a isso, precisa ser preservada e conservada. Portanto, este trabalho tem como objetivo compreender as relações da sociedade com o meio em Alcântara.

Figura 1: Localização de Alcântara



Fonte: SILVA, 2023.



A cidade situa-se na mesorregião Norte do Maranhão e na microrregião Litoral Ocidental Maranhense, separado de São Luís somente 22 km através da baía de São Marcos e a 425 km por via terrestre (IBGE, 2008). Hoje, existem três acessos para quem vai visitar a cidade, Cais da Praia Grande, localizado no centro da cidade de São Luís ou pelo porto ponta da espera, atravessando a Baía de São Marcos pelo ferry-boat em direção ao porto do Cujupe já em Alcântara e, em seguida pegando a estrada rodoviária em torno de 20 minutos até a sede da cidade.

Alcântara é conhecida por ser uma cidade que conserva amplos elementos culturais e diversificado patrimônio cultural material e imaterial, nos últimos anos vem se destacando cada vez mais em suas heranças culturais que está depositada há vários séculos. Valorizar, preservar e conhecer a história e cultura local que seja ela no passado ou presente é de grande importância para os alcantarenses em seu sistema educativo, pois preservação diz respeito a uma cidade cultivada com imenso carinho. A memória:

A riqueza arquitetônica e os costumes de sua gente são os atrativos turísticos mais divulgados daquele pedaço de continente. A aproximação com São Luís, apenas uma hora de barco, levou à prática de um turismo 'bate-volta', ou seja, o visitante chega pela manhã, passeia somente pelo centro histórico e retorna à tarde. Desestimular tal prática tem sido o principal desafio da Administração Municipal e de empresariado instalado em Alcântara. Além do patrimônio arquitetônico, Alcântara oferece atrativos que se encaixam no Ecoturismo. É o caso das 'Trilhas na Lama', ou Siriguejo, onde o turista se aventura por uma caminhada nas raízes do mangue, buscando o equilíbrio e gastando calorias. Uma caminhada de aproximadamente 20 minutos na lama equivale a quase uma hora em calçamento liso. O ponto de partida deste inovador esporte é a Pousada Bela Vista. (RODRIGUES, 2008).

Dessarte, a necessidade de valorizar e preservar a memória local ganha espaço nas mais variadas áreas da cidade, conhecer a história local, significa lançar-se em um mar de conhecimento do patrimônio material e imaterial, além de preservar sua identidade, uma vez que as escolas podem levar os alunos a vivenciar pela sede da cidade os belíssimos sobrados, casas e informações preciosas sobre seus costumes, arte, sincretismos religiosos.

Devido a isso, a paisagem é composta por fixos e fluxos. Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que criam as condições ambientais e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificam a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (SANTOS, 1982, p.61; 2002, 61).

Sendo assim, cada elemento espacial fixo está interligado as interações e interdependências locais. Mas, são os fluxos que dão sentido e vida aos elementos locais. As pessoas que exercem as suas funções, as que os visitam, os transportes, o capital, a cultura e a sociabilidade.

A vivência local desenvolve fluxo social, bem como o fluxo econômico, ocasionando um simbolismo interpretado de formas diversas por olhares distintos. A população da cidade de Alcântara é dividida em comunidades quilombolas, o meio de subsistência das mesmas é voltado para a pesca e artesanato e alguns desenvolvem atividades no turismo, esta é a maior relação existente dos habitantes com o local.

Relacionar a vida social com o espaço, é uma das formas de entender e identificar a formação de diferentes espaços, como este se comunica e como a população se expressa e interage.

METODOLOGIA

Como procedimento metodológico para o desenvolvimento desta pesquisa, foi utilizada a abordagem qualitativa para compreender as relações da sociedade com o meio. Esse tipo de pesquisa possibilita a compreensão e interpretação de um fenômeno, onde a interpretação do pesquisador têm importância fundamental. Para Menezes et al. (2019) a pesquisa qualitativa “Não se trata apenas de um conjunto de informações fechadas cujo valor numérico é o único aspecto a ser levado em consideração, devido à própria natureza do fenômeno investigado.”

Sendo assim, realizou-se levantamento bibliográfico para embasamento teórico do assunto estudado. Para Menezes et al. (2019) o mesmo é uma pesquisa que utiliza fontes bibliográficas, como artigos científicos, revistas, publicações periódicas, livros, impressos diversos ou textos extraídos da internet.

Por fim, foi efetuado trabalho de campo com registros fotográficos para obtenção de informações e imagens referentes a população e a cidade de Alcântara.

REFERENCIAL TEÓRICO

Buscando compreender os conceitos usados na construção deste trabalho, foi efetuada uma pesquisa bibliográfica referente ao conteúdo sobre Alcântara e paisagem para melhor absorção do assunto.

Segundo Viveiros (1999, p. 27) na literatura, Alcântara antecedeu a fundação de São Luís (capital do Maranhão), pois ela já era ocupada por indígenas da etnia Tupinambá antes da chegada da expedição francesa de La Ravardière comandada por Daniel de La Touche em 1612 naquelas terras. Foi somente em 1616 sobre o domínio português que se iniciou a colonização da mesma.

A atividade econômica em Alcântara da sua fundação até 1755, durante a colônia portuguesa foi marcado por um período de escravização de indígenas por colonos em suas propriedades “[...] porém esse cenário muda abruptamente em decorrência da administração pombalina, a qual financiou o tráfico de escravos provenientes da África, ampliando a capacidade produtiva e vinculando, por meio de frotas regulares, a região ao mercado europeu” (ALMEIDA, 2006, p. 99). Desta maneira, passou-se a utilizar a mão-de-obra do africano escravizado para o trabalho servil nas colônias.

“Em média, o Maranhão importava 2.000 escravos africanos por ano. [...]. É certo que Alcântara, que já era cunhada como o celeiro do Maranhão, se aproveitaria dessa fase de prosperidade, e, desde então, se tornou um grande centro de escravidão negra” (VIVEIROS, 1999, p. 55). Tornando assim, um importante centro de exportação de algodão no século XIX, no entanto, com a abolição da escravidão a cidade sofreu uma decadência econômica que forçou a aristocracia rural agroexportadora a abandonar a cidade.

Com a partida dos donos de fazendas e propriedades da cidade para outros locais do estado e do país, o local ficou sobre o domínio dos ex-escravizados, o que possibilitou o surgimento de comunidades negras rurais que permanecem lá até os dias atuais, transformando assim, o município em território quilombola.

Destarte, a cidade de Alcântara tem uma paisagem baseada na sua cultura e religiosidade, “a paisagem é, de um lado, o resultado de uma dada cultura que a modelou e, de outro, constitui-se em uma matriz cultural” Corrêa (2001, p. 290), ou seja, é uma paisagem cultural que reforça os seus simbolismos, transmitindo conhecimentos e valores. Para Almeida (2008, p. 47) a paisagem é a transformação do ambiente em cultura.

Desta forma, Alcântara é constituída por comunidades quilombolas com seus simbolismo e religiosidade (demonstrada na festa do Divino Espírito Santo). A celebração do Festejo Divino Espírito Santo na cidade de Alcântara, traz várias representações nos símbolos sagrados e imagens marcando a paisagem, constituindo-se uma série de rituais e ofícios que permitem ordenar o sentido da vida cotidiana dos alcantarenses. O festejo torna-se momentos de fé e devoção, que transforma a paisagem e os espaços sagrados e nos levam a vivenciar uma



experiência nas ruas e a dádiva pelo Divino. “Muito do simbolismo da paisagem é menos aparente do que qualquer um desses exemplos. Mas ainda serve ao propósito de reproduzir normas culturais e estabelecer os valores de grupos dominantes por toda uma sociedade” (Cosgrove, 1998).

Para Cosgrove (1998, p. 11):

Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e da transformação do meio ambiente pelo homem. O simbolismo é mais facilmente apreendido nas paisagens mais elaboradas – a cidade, o parque e o jardim – e por meio da representação da paisagem na pintura, na poesia e em outras artes. Mas pode ser lido nas paisagens rurais e até nas mais aparentemente não humanizadas paisagens do meio ambiente natural. Estas últimas são, frequentemente, símbolos poderosos em si mesmas. Considerem, por exemplo, a paisagem polar, cujo significado cultural deriva precisamente de sua aparente incontestabilidade pelo homem.

Essa manifestação cultural, turística e religiosa no Estado do Maranhão é uma fonte rica de história e traz consigo o poder de recriar espaços e transformar os cenários em sincretismos religiosos. Modificam durante a programação do festejo todo o contexto da cidade de Alcântara que passa a se adequar aos novos cenários entre sagrados e profanos propostos por estes acontecimentos que o festejo propõe, por vezes passageiros e em outros permanentes como a Igreja de Nossa Senhora do Carmo que celebram as missas e a Casa do Divino que se torna a casa do Império, pois alteram fisicamente a paisagem e o lugar os recepciona.

Desta maneira, a manifestação cultural e religiosa em Alcântara cria espaços de vivências “Capaz de engendrar dinâmicas criativas, inovações, formas de representação capazes de modificar a base material do desenvolvimento e seus sistemas simbólicos, entendidos aqui como valores, crenças, conceitos, símbolos, representações, arquétipos, ideias e identidades” (Barreto, 2007, p.5). Tornando a relação da sociedade com o meio um panorama de auto identificação e pertencimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alcântara possui um contexto histórico que à tornou uma cidade rica, pois através da contribuição de diferentes povos, a cidade cresceu e fez-se importante economicamente durante um certo período. Devido a isso, recebeu o título de cidade Monumento Nacional em 1948 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), apreciado até os dias atuais.



Ao estudar um pouco da história da cidade de Alcântara, as pesquisas bibliográficas como os acervos em livros, jornais e revista, e a visita de campo, pode-se compreender um pouco da cultura manifestada e os bens culturais, econômicos, naturais nessa cidade. Valorizar e preservar o que pertence a população alcantarense, do estado do Maranhão é essencial para manter as tradições desse povo.

Desta maneira, podemos caracterizar os pontos fixos, que influenciam na cultura local, como as ruínas, as Igrejas, os casarões, praças e o porto referência na chegada das embarcações vindas de São Luís (Porto do Jacaré) pelas relações comerciais da época. Eles agregam valores significativos para a população local, contendo um arsenal de símbolos e valores culturais, pois são áreas de grande reconhecimento histórico, além de possibilitar um desenvolvimento econômico, relativamente satisfatório para a região.

Na sede da cidade encontra-se as ruínas da igreja Matriz de São Matias, sendo um dos pontos de maior fluxo turístico. O mesmo local agrega o valor histórico relacionado a época de escravidão (O Pelourinho), lugar em que ocorria o castigo dos escravos.

As ruínas estão por todas as partes da cidade demonstram a valorização em função de seu desenvolvimento como a Igreja de São Matias, Igreja do Carmo, as ruínas do Imperador etc. (**Figuras 2, 3 e 4**). Parte das ruínas não são reconhecidas em relação ao nome ou a quem foi direcionada em sua época de origem, sendo assim, cabe apenas a visualização e interpretação dos visitantes e até mesmo da população. Segundo Amarante (2013), as ruínas transformadas em monumentos sustentam signos e mitos de origem, uma simbologia formulada e transmitida aos atuais observadores como maneira de manutenção de uma memória social reconhecida pelo Estado.

Figuras 2, 3 e 4: Ruínas pela cidade



Fonte: Arouche, 2019; Silva, 2023.

A cultura da cidade de Alcântara está inteiramente ligada aos povos passados (africanos escravizados). Suas festividades são realizadas por toda a comunidade, a festa do Divino Espírito Santo é uma de suas tradições e o doce de espécie é um de seus pratos típicos (**Figuras 5, 6, 7 e 8**). Pela miscigenação, tem-se o expoente dos resquírios da festa do Divino, recebendo influências da inserção africana por estas terras. Assim, por esse motivo, por todo o século XVIII, Alcântara se disse celeiro do Maranhão, até o século XIX (GOMES, 2017, p. 55).

Figuras 5, 6, 7 e 8: Elementos da festa do Divino e Doce de Espécie



Fonte: Silva, 2023.

A forma que a festa é celebrada trouxe curiosidade as pesquisadoras para estudar e participar diretamente da festa como forma de compreender como se realiza o ritual durante o festejo.

Desfilava pelas ruas, em tom festivo, o Imperador, a Imperatriz vestidos a caráter, um pagem [sic] carregando uma coroa numa salva e vários personagens até uma igreja para participarem de uma missa dominical do mês de maio. Desde os preparativos da festa até seu desmonte, voluntários ajudavam na cozinha, geralmente nos fundos da casa da festa ou nos baixos dos sobrados, preparando almoços e jantares com boi, capado, capões, galinhas, patos, bolo de macaxeira, bolo de tapioca, pão de ló, doces de espécie com figuras de animais ou corações, cardápios fartos ou modestos, conforme a ajuda de governantes e do comércio, em geral. [...] em outros pontos da cidade, à noite, protegidas pelas sombras da fraca iluminação das fumegantes lanternas de óleo de peixe, se juntavam, na maioria, negras e mulatas para certos 'excessos' e cantorias, as modas da terra, modinhas e lundus (LACOIX, 2012, p. 281).

Embora, Alcântara receba visitantes com curiosidade em participar da festa do Divino eles também vão por motivações que variam entre os atrativos históricos, paisagens naturais (ecossistema manguezal), o modo de vida simples e tranquilo, ambientes bucólicos e pitorescos e a existência do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA).



O Manguezal da beirada de Alcântara encontra-se na APA (Área de Proteção Ambiental) das reentrâncias maranhenses, ele serve como fonte de economia, sustento e lazer para a população Alcantarense (**Figura 9 e 10**), é através dele que as comunidades realizam atividades pesqueiras para obter alimento e comercializam os pescados para prover suas famílias. O Instituto Federal do Maranhão (IFMA) de Alcântara realiza atividades práticas com seus alunos no manguezal, pois lá funciona cursos técnicos como o de meio ambiente voltados para a população do município, promovendo assim o sentimento de pertencimento da população a esse ecossistema, criando o desejo de preservar e conservar o mesmo para as próximas gerações.

No entanto, com a implantação do CLA em Alcântara (**Figura 11**), surgiram conflitos fundiários para a sociedade, pois ocorreram problemas com a demarcação de área, muitas famílias quilombolas foram retiradas de suas terras, sem receber nenhum benefício ou indenização. “[...] A população exigia seus direitos e a desapropriação embora não tenha se dado de forma violenta, se concretizou com certa resistência e necessitou de decretos presidenciais (LOPES, 2012).

Figuras 9, 10 e 11: Ecossistema Manguezal e CLA



Fonte: Pinheiro e Almeida, 2018;

<https://www.google.com/search?q=parceria-entre-ufma-ufpi-e-cla>, 2021.

A implantação do CLA em Alcântara não trouxe crescimento econômico para as populações quilombolas, pois foram realocadas para as chamadas agrovilas e separadas da sede da cidade, conseguindo trabalhos pequenos como: serviços gerais na base e nas residências da

vila do Centro de Lançamento de Alcântara, deixando assim, de praticar as atividades costumeiras como a pesca, devido à distância da praia. Muitos dos jovens das comunidades estão saindo das mesmas para estudar e trabalhar em São Luís, isso traz como consequência a perda da identidade e da cultura do povo alcantareense, assim como, a falta de interesse por parte dos jovens em perpetuar os costumes e valores de seus ancestrais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar as relações da sociedade com o meio é uma das formas de compreender a construção dos diferentes espaços e a interação dos mesmos com a população e suas vivências. Da mesma maneira que os fixos e fluxos são diferentes entre si e possuem uma característica única a cada lugar, estes são um dos principais agentes responsáveis pela caracterização local, são eles que constroem os cenários diversos, complexos e dinâmico.

A pesquisa foi realizada para demonstrar a necessidade de conservação e preservação da cidade de Alcântara, as ruínas, o ecossistema manguezal, os costumes e valores de sua população, assim como, a valorização de toda a sociedade alcantareense.

É importante a existência de estudos e projetos voltados para a manutenção da área arquitetônica da cidade, para a conscientização da população e dos turistas em relação ao ecossistema manguezal e ao reconhecimento e respeito pela cultura dos remanescentes quilombolas de Alcântara.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Os quilombolas e a Base de Lançamento de foguetes de Alcântara: laudo antropológico**. Brasília: MMA, 2006. v. 2. 355.

ALMEIDA, Maria Geralda. **Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil Sertanejo**. In: ALMEIDA, Maria Geralda, CHAVEIRO, Eguimar Felício, BRAGA, Helaine Costa. Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia: Editora Vieira, 2008, p. 47-74.

AMARANTE, Bruno, 1978. **A estética da ruína como poética**. Universidade Federal de Minas Gerais Escola de Belas Artes Mestrado em Artes. Belo Horizonte Escola de Belas Artes / UFMG 2013, p. 26.



BARRETO JR., Ivo Matos (Org.). BARRETO JR, Ivo Matos; RAMASSOTE, Rodrigo Martins (textos). **Do barro às vivências. Paisagem Cultural e Cultura Material nos quilombos de Alcântara** (Catálogo da Exposição). São Luís: IPHAN/ 3ª SR, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A dimensão cultural do Espaço: alguns temas**. In: CORRÊA, Roberto Lobato. Trajetórias geográficas. 2 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COSGROVE, Denis. **A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

GOMES, Cristiane Mesquita. **Turismo, Cultura e a Festa do Divino em Alcântara (MA): Meu Canto Não Pode Parar**. ED. UECE. Selo teses e dissertações. Disponível em: https://issuu.com/turismoria/docs/turismo_cultura_e_a_festa_do_divino. Acesso em: 10 abril 2023.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **São Luís do Maranhão: corpo e alma**. São Luís: Lithograf, 2012.

LOPES, Danilo da Conceição Serejo. **A base espacial e as comunidades quilombolas de Alcântara**. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 64., 2012, São Luís. Anais..., São Luís, 2012. Disponível em: sbpcnet.org.br/livro/64ra/PDFs/arq_1821_286.pdf. Acesso em: 10 abril 2023.

MENEZES, A. H. N. et al. **Metodologia científica teoria e aplicação na educação a distância**. 1 Edição, Petrolina – PE, Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2019. Porto Velho – Ro, p. 244, 2017.

PFLUEGER, G. **Rede e Ruínas: Apogeu e declínio de uma cidade: o caso de Alcântara - Ma**. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. RJ, p.203. 2011.

RODRIGUES, Reginaldo. Alcântara: Patrimônio Histórico Nacional que busca a consolidação do turismo. 2008.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço**. Técnica. Tempo. **Razão e Emoção**. São Paulo. Ed. USP, 2002.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

VIVEIROS, Jerônimo de. **Alcântara no seu passado econômico, social e político**. 3ª edição. São Luís: AML/ALUMAR, 1999.